

GLOBALIZAÇÃO, TURISMO E RETERRITORIALIZAÇÃO

Edson Belo Clemente de SOUZA¹

Resumo: A emergente aceleração do desenvolvimento capitalista tem provocado profundas transformações na ordem política, econômica, social e espacial da sociedade contemporânea, comumente chamado de globalização. Uma das atividades econômicas que tem crescido bastante nos últimos tempos é o turismo. A produção de novos territórios é uma das tônicas das quais o turismo tem se ocupado, de maneira que a globalização, o turismo e a reterritorialização são três categorias de análise que estão intrinsecamente imbricadas.

Palavras-chave: Globalização; turismo; reterritorialização

Muitos municípios brasileiros estão programando suas receitas através do turismo, que passou a ser uma fonte a mais de renda. Difundido por diversos meios, o turismo tem recebido maior atenção por aqueles que estão esgotando suas capacidades de gerar divisas financeiras, como também daqueles que não conseguem resistir às crises do mercado atual, fazendo dele mais uma opção.

Em tempos de globalização, o *marketing* tem sido um poderoso instrumento de divulgação do fenômeno turístico, como se o turismo fosse uma panacéia para as dificuldades econômicas enfrentadas pelos municípios. Dada à amplitude que envolve a temática, é necessário que se estabeleça um esforço de análise. E o seu entendimento só poderá acontecer se houver uma sustentação teórica do conjunto das Ciências Sociais.

¹ Doutorando em Geografia pela UNESP/Campus de Presidente Prudente e Pró-Reitor de Graduação da UNIOESTE. Cascavel - PR - Brasil
Econ. Pesqui., Araçatuba, v.2, n.2, p.57-68, mar. 2000

Apoiado por políticas nacionais e mundiais, o turismo está se tornando um importante setor da economia, considerado, inclusive, como um grande mote do crescimento econômico para o próximo século.

Assim como a indústria desempenhou um importante papel na organização produtiva nos espaços urbanos, o turismo deverá reorganizar estes espaços não mais com o mesmo sentido que outrora, a da produção, mas sim, para o consumo de bens, serviços e paisagens.

Para sistematizar esta atividade em ascensão e buscando um entendimento dos vários aspectos que influem na sua complexa composição social, política, econômica, cultural e espacial, alguns profissionais universitários têm demonstrado grande interesse na área, principalmente pela tarefa desafiadora de inverter a ordem das coisas, mostrando a faceta oculta e muitas vezes forjadamente obscurecida pela ideologia dominante, representada por aqueles que persistem em mascarar a realidade para justificar suas riquezas e interesses, em detrimento da maioria da sociedade.

São recentes os trabalhos científicos sobre o turismo. Principalmente aqueles que teorizam num viés crítico, tentando desmistificar a atividade, que tem se difundido como uma panacéia.

Alguns nomes da Geografia e de outras áreas estão aceitando o desafio de interpretar esta prática mercadológica sem submeter-se ao discurso dominante, como é o caso de Adyr A. B. Rodrigues e Eduardo Yázigi. Para Yázigi, a segunda metade do século XX assistiu à degradação da paisagem não só devido ao turismo, é verdade, mas, a todas as formas vorazes do capitalismo específico de nosso país.

Outro autor que não tem medido esforços para refutar e desmistificar o turismo nestes tempos de globalização é o professor de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Helton Ricardo Ouriques, que critica, em livro (1998), a expansão da atividade turística, denominando-a de “indústria pós-moderna”. Aponta, enfaticamente, os aspectos negativos e dá uma

visão mais abrangente da atividade turística nos seus mais perversos efeitos, em especial na sua área de pesquisa, que é Florianópolis.

Marcos Aurélio T. Silveira (1997), geógrafo e professor da Universidade Federal do Paraná – UFPR, dá a dimensão da expansão mundial do turismo e a importância dele no processo de globalização ora em curso na economia mundial. Aborda também o alcance das políticas governamentais referente ao turismo.

Rita de Cássia Arida da Cruz, Maria Tereza Luchiarri e Arlete Moysés Rodrigues são outros eminentes nomes que se propõem a discutir o turismo na mesma ótica crítica.

Não obstante, o fenômeno turístico requer uma ampla discussão, conseqüente da complexidade do tema e das lacunas que a literatura ainda não conseguiu preencher, principalmente em tempos de globalização.

Precisamente o que vai levar o mundo à globalização é “a rede de transportes e das comunicações, característica essencial da organização espacial da sociedade moderna, uma sociedade umbelicalmente ligada à evolução da técnica, à aceleração das interligações e movimentação das pessoas, objetos e capitais sobre os territórios, ao aumento da densidade e da escala da circulação.” (MOREIRA, 1997, p.2).

O processo de globalização tem demonstrado forças de destruição, principalmente no que se refere à sua capacidade de impor novos valores sociais, ligados ao comportamento e ao consumo, onde a tecnologia é sacralizada pelos setores representativos do sistema capitalista. “Nesse processo, o espaço tem papel fundamental à medida que entra na troca como mercadoria. Isso significa que áreas inteiras do planeta, antes desocupadas, são divididas, entrando no processo de comercialização. Cada vez mais o espaço é produzido por novos setores de atividades econômicas, como a do turismo, e desse modo, praias, montanhas e campos entram no circuito da troca, apropriadas,

privativamente, como áreas de lazer para quem pode fazer uso delas.” (CARLOS, 1996, p.25).

Considerado um dos vetores mais importantes para associar o mundo ao lugar, o global ao local, o turismo reinventa e cria novas funções, recupera antigas práticas e bens culturais através do folclore, e mostra atrações turísticas para a região. (LUCHIARI, 1999). No entanto, como uma atividade em expansão, o turismo é determinado, “principalmente, por dois processos, que se complementam e interagem. Um processo é de caráter histórico-cultural e, o outro, é de caráter sócio-econômico. Historicamente, a prática turística possui suas raízes na mobilidade espacial, que caracteriza a sociedade humana desde há muitos séculos.” (SILVEIRA, 1997, p. 96)

Usufruindo da paisagem, o turismo cria cada vez mais territórios, como reterritorializa outros. Numa nova concepção de exploração turística, moderniza o uso do território com novos equipamentos ou novas tintas, que darão um colorido novo ao visual que deverá ser consumido pelo turista. Como também, mais infra-estruturas são montadas para dar suporte ao conforto do turista, ou àquele que “se permite chamar de usuário”, no dizer de Milton Santos (1993).

Para CRUZ (1997, p.216) “a necessidade de fazer turismo é colocada como prioridade nas sociedades industrializadas neste fim de século, conduzindo à falsa sensação de que todos têm condições materiais de fazê-lo, quando, na verdade, sabe-se que grande parte da população mundial sequer consegue satisfazer suas necessidades básicas de alimentação e moradia.”

O turismo é uma atividade essencialmente econômica e, segundo Rodrigues (1996), se presta muito à lavagem do dinheiro do narcotráfico, do jogo, da sonegação de impostos, da corrupção. É também a que mais cresce no mundo. Na atualidade, a atividade apresenta os mais elevados índices de crescimento no contexto econômico mundial. Movimenta cerca de US\$ 3,5 trilhões anualmente e, apenas na última década, expandiu suas atividades em 57%.” (Diretrizes para uma política nacional, 1994. p.11). Gera empregos, aumenta a renda e a entrada

de divisas estrangeiras, mas também é, incontestavelmente, um fenômeno político, social, cultural e espacial dos mais expressivos das sociedades ditas pós-industriais. Movimenta, em nível mundial, um enorme volume de pessoas e de capital, inscrevendo-se materialmente de forma cada vez mais significativa ao criar e recriar espaços diversificados. (RODRIGUES, 1996).

No entanto, muitas informações estatísticas, relacionadas ao turismo, devem ser ponderadas, pois “ao contabilizar, por exemplo, cada viagem realizada como um turista diferente, a OMT (Organização Mundial do Turismo) negligencia o fato de que a mesma pessoa pode viajar inúmeras vezes durante o ano, bem como, desconsidera aquelas viagens que não são realizadas para fins de turismo e que não constituem, sob qualquer aspecto, viagens turísticas.” (CRUZ, 1998, p.10).

Segundo o Conselho Mundial de Viagens e Turismo, que congrega as maiores empresas multinacionais do setor, o mercado turístico, como um todo, empregou, em 1994, 200 milhões de pessoas, aproximadamente. Apesar disto, quando se observa o quadro social das principais cidades turísticas do Brasil, constata-se a má distribuição dos números arrecadados, como também, observa-se a pouca participação das camadas sociais menos favorecidas, que têm menos acesso à atividade turística.

O trabalho é outro aspecto importante a ser observado, considerando que o emprego, neste setor, não representa um dado alentador da atividade. “Segundo a OMT, o setor turístico utiliza-se de um número elevado de trabalhadores em tempo parcial ou temporário, com contratos de trabalho precários ou mesmo sem contratos, com uma grande utilização de mão-de-obra feminina, infantil ou jovem, com baixa qualificação, e um grande número de trabalhadores clandestinos. Ainda segundo a OMT, o grau de sindicalização deste setor é muito inferior ao de outros setores econômicos.” (LUCHIARI, 1999, p.133-134).

A apologia ao turismo tornou-se comum à imprensa, como também aos meios governamentais, acadêmicos e outros. É preciso repensar a operacionalidade da atividade turística, buscando uma melhor compreensão da sua totalidade, principalmente num contexto sócio, político e econômico da atualidade brasileira, ou ainda, como bem demonstrado por Rodrigues (1996), que busca a compreensão da atividade através da análise da produção e do consumo de espaços e de mercadorias.

RODRIGUES (1996, p.61) coloca esta preocupação quando diz que “o fetiche da mercadoria ‘turismo’ ou natureza comercializada é ainda mais acentuado que em outras mercadorias de consumo coletivo.” Nesta mesma linha aborda que “um consumo coletivo da natureza é, ao mesmo tempo, a sua destruição coletiva. É um consumo coletivo que tem como principal agente a iniciativa privada e como principal ‘regulamentador’ o Estado.” (1996, p.62).

A análise do turismo e de sua dimensão territorial é um dos meios de (re)pensar este fenômeno multiforme e inapreensível, marcado pelo peso dos interesses econômicos. KNAFOU (1996, p.73) se reporta à relação entre território e turismo analisando-a de acordo com três tipos de situações: Podem existir territórios sem turismo; pode existir turismo sem território e podem, enfim, existir territórios turísticos. Esta última situação ocorre comumente em vários recantos brasileiros. O autor sustenta que são “territórios inventados e produzidos pelos turistas, mais ou menos retomados pelos operadores turísticos e pelos planejadores. Isto traz problemas delicados de planejamento, já que não é somente os espaços que se ‘planeja’, mas toda a sociedade.”

Não havendo turismo sem turistas, Knafou nos remete àquilo que CARLOS (1996, p.73) chama de “indústria do turismo”, pontuando os seguintes aspectos: “se recusarmos as idéias prontas; se recusarmos o domínio exclusivo do mercado sobre esta atividade humana, que é um importante meio de desabrochamento do indivíduo, e se tentarmos colocar um pouco de ordem num fenômeno multiforme, teremos, então, feito um pouco de progresso.”

Enquanto paradigma da atual conjuntura econômica mundial, a globalização possibilita relacioná-la ao turismo, pois a análise do mundo moderno coloca-nos diante de uma série de desafios decorrentes das transformações aceleradas provocadas pelo processo de globalização como produto de desenvolvimento do capitalismo, que destrói barreiras e ultrapassa obstáculos, como consequência de sua realização. E, cada vez mais o espaço é produzido por novos setores de atividades econômicas como a do turismo, pois neste processo o espaço tem papel fundamental à medida que cada vez mais entra na troca, como mercadoria. [CARLOS (1996) e SOUZA (1998)].

Outra expressão da globalização é o turismo internacional que, segundo Trigo “envolve centenas de milhões de pessoas que viajam e promovem intercâmbios culturais e econômicos em vários pontos do planeta. Facilitado pela malha aeroviária internacional, o turismo cresceu consideravelmente nos últimos anos.” (1997, p.28-29)

Além da relação com o turismo, a globalização também permite rever o papel do Estado, que, “juntamente com a bolsa de valores e as multinacionais, são considerados organismos descerebrados”. (GUATTARI, 1994).

O Estado é apontado como gigantesco, gastador e intervencionista. O livre funcionamento dos mecanismos de mercado seria capaz não só de corrigir as distorções passadas, como também constituir a via pela qual o país ingressaria no Primeiro Mundo. Propõe-se conciliar crescimento econômico com eliminação do déficit público. Esta tem sido uma das justificativas para cada vez mais ausentar o Estado das atribuições de controlar a economia de mercado, dentro de uma concepção “modernizante”, chamada de neoliberalismo. (PIQUET, 1996)

O neoliberalismo é outro braço da globalização perversa, e ambos os braços - democracia de mercado e neoliberalismo - são necessários para reduzir as possibilidades de afirmação das formas de viver, cuja solidariedade é baseada na contigüidade, na vizinha solidária, isto é, no território compartilhado. (SANTOS,

1996). Já para alguns empresários e representantes de cargos importantes do Estado, é reproduzida a máxima de que “a globalização dá certo para quem se prepara”.

Acompanhada de um discurso neoliberal e modernizador, a globalização impede o desenvolvimento autônomo, destruindo, inclusive, ambientes utilizados como recursos turísticos. Para GUATTARI (1994) “é primordial que ao lado do mercado capitalista se manifestem mercados territorializados, que se apoiem sobre formações sociais constituintes e que afirmem os seus modos de valorização”.

Articulado com a globalização, o Mercosul é parte das estratégias de integração regional, os novos subsistemas do capitalismo mundial. Integração articulada por governos e empresas, setores públicos e privados, conforme as potencialidades dos mercados, dos fatores da produção ou das forças produtivas, de acordo com os movimentos do capital orquestrados, principalmente, pelas transnacionais. (IANNI, 1996).

A movimentação do Mercosul, portanto, parece estar ligada apenas às atividades econômicas, pois tem sido, preponderantemente, uma integração comercial, cujo principal ator é o empresariado regional. Assim, as decisões sobre novas localizações, fusões, aquisições e níveis de proteção têm buscado quase somente aumentar a eficiência do setor produtivo ao menor custo possível, como condição de competitividade face a uma estratégia de abertura ao mundo, encarada como inelutável. (LAHORGUE, 1997).

Observando as contradições do crescimento turístico nos limites fronteiriços do Mercosul percebe-se uma exploração das suas potencialidades turísticas, que não pode obedecer passivamente à lógica perversa do capitalismo internacional. Qualquer política de turismo para a região deve ser apoiada em mecanismos efetivos e eficazes, que promovam um desenvolvimento socialmente justo e ambientalmente prudente, ou melhor, um desenvolvimento econômico e social

que proporcione bem-estar e distribuição da riqueza para as sociedades locais e conserve o meio ambiente. (SILVEIRA, 1997).

A construção de um território que permite uma (re)leitura dele implica (re)tomar a metáfora espacial, sem, contudo, fetichizá-la. Significa compreender o que envolve estas alterações ou redesenhos dos Estados-Nações e das diferentes Confederações (ONU, OMC, União Européia, Mercosul etc.). Assim, a globalização da economia, que implica também desterritorialização dos indivíduos, implica também redesenho das formas de apropriação e produção do espaço, (re)definindo o poder de espaços territoriais e construindo uma reterritorialização. (RODRIGUES, 1995).

Os efeitos que a (re)territorialização produzida pelo turismo poderá provocar, no contexto da globalização, propicia analisar, na contemporaneidade, estas três categorias. E os desdobramentos políticos, econômicos, sociais, culturais e espaciais que implicam estas combinações requerem estudos profundos, para se entender a sua complexidade.

SOUZA, Edson Belo Clemente de. Globalization, tourism and re-territorialization. **Economia & Pesquisa**, Araçatuba, v.2, n.2, p.57-68, Mar. 2000.

Abstract: The emerging acceleration of the capitalist development has provoked deep changes in the political, economic, social and spacial order of the contemporaneous society, commoly called globalization. One of the economic activities that has increased a lot lately is tourism. The creation of new territories is one of the stressed aspects which tourism has been concerned about, so that globalization, tourism and re-territorialization are three analysis categories that are intrinsically connected to each other.

Keywords: Globalization; tourism; re-territorialization

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Manuel Correia. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec; Recife: Ipespe, 1995.
- ANDRADE, Manuel Correia. Territorialidade, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A de, SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). **Território globalização e fragmentação**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- ARROYO, Monica. Mercosul: discurso de uma nova dimensão do território que encobre antigas falácias. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de, SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). **Território globalização e fragmentação**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p.308-14.
- BRASIL. Ministério da Indústria do Comércio e do Turismo. **Política nacional de turismo: diretrizes e programas (1996-1999)**. Brasília: Ministério da Indústria do Comércio e do Turismo : Instituto Brasileiro de Turismo - EMBRATUR, 1996.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri, CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (Orgs.). **Turismo: espaço paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CRUZ, Rita de Cássia Arida da. O Nordeste que o turismo(ta) não vê. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo. Modernidade. Globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- CRUZ, Rita de Cássia Arida da. **O turismo no espaço - o espaço do turismo: reflexões acerca da participação do turismo na produção do espaço urbano brasileiro**. 1998. Texto mimeo.

- GALLERO, Alvaro Lopez. El Impacto de la globalizacion sobre el turismo. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (Org.). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- GUATTARI, Félix. **Por uma refundação das práticas sociais**. 1994. Texto mimeo.
- IANNI, Octavio. Nação: província da sociedade global? In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A., SILVEIRA, Maria Laura. (Orgs.). **Território globalização e fragmentação**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- KNAFOU, Remy. Turismo e território. Para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (Org.). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- LAHORGUE, Maria Alice. Dinâmica espacial da produção e da população e as zonas de fronteira - reflexões sobre o Mercosul. In: CASTELLO, Iára Regina et. al. (Org.). **Fronteiras na América Latina espaços em transformação**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1997.
- LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. **O lugar no mundo contemporâneo: turismo e urbanização em Ubatuba-SP**. Campinas, 1999. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.
- MOREIRA, Ruy. **Da região à rede e ao lugar** (A nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo). **Revista Ciência Geográfica**, n. 6, abr. 1997.
- NEVES, Gervásio Rodrigues. Territorialidade, desterritorialidade, novas territorialidades (algumas notas). In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de, SILVEIRA, Maria Laura. **Território globalização e fragmentação**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- OURIQUES, Helton Ricardo. **Turismo em Florianópolis: uma crítica à indústria pós-moderna**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

- PIQUET, Rosélia. Grandes projetos e tendências na ocupação do território: a modernização excludente. **Espaço e Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos**, São Paulo, v.10, n.31, 1990.
- RODRIGUES, Adyr A. Balastrieri. Desafios para os estudiosos do turismo. In: Rodrigues, Adyr A. B. (Org.). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo, Hucitec, 1996, p.17-32.
- RODRIGUES, Arlete Moysés. A Produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A., CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. (Orgs.). **Turismo: espaço paisagem e cultura**. São Paulo, Hucitec, 1996. p. 55-62.
- RODRIGUES, Arlete Moysés. Desafios para a (re)leitura do território. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 20, p.3-192, dez. 1995.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 2.ed. São Paulo: Nobel, 1993.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton, SOUZA, Maria Adélia A., SILVEIRA, Maria Laura. (Orgs.). **Território globalização e fragmentação**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1996a
- SANTOS, Milton. **Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico - científico informacional**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SILVEIRA, Marcos Aurélio T. da. Turismo, território e globalização: considerações sobre o Mercosul. **Revista Ra'e Ga O Espaço Geográfico em Análise**, v.1, n. 1, 1997.
- SOUZA, Edson Belo Clemente de. **A Região do Lago de Itaipu: as políticas públicas a partir dos governos militares e a busca da construção de um espaço regional**. Florianópolis, 1998. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- TRIGO, Luiz G. Godoi. O turismo no espaço globalizado. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo. Modernidade. Globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997.